

EQUINOS E CERVÍDEOS NO ECOTURISMO

FERREIRA, D. F [1]; FONSECA, L. G. O.; [1]; SANTOS, M. [1]; HILDEBRANDO, K. S. C.; [4] DALLOS, B. F.; [1]; BENVEGNÚ, D. M.[2].

O uso de equinos em atividades recreativas e de ecoturismo pode alterar a presença e o comportamento de cervídeos em áreas compartilhadas. Estudos recentes mostram que a atividade turística (incluindo trilhas a cavalo) leva a deslocamentos temporários ou permanentes dos cervídeos para áreas com menor perturbação, reduzindo o uso espacial de habitats considerados importantes para alimentação e reprodução. Essas mudanças podem ocorrer tanto por fuga imediata quanto por alteração na escolha de áreas ao longo do tempo. Nesse contexto, a presente revisão analisou artigos publicados nos últimos dez anos que abordam a interação entre equinos e cervídeos em um mesmo território. Para isso, foram utilizados os descritores “Espécies”; “Impactos Ecológicos” e “Comportamento Animal” nas bases de dados, como Google Acadêmico e PubMed. Somente os estudos envolvendo equinos e cervídeos foram selecionados. Após a aplicação dos critérios e seleção, os artigos foram revisados. Os resultados indicam que, além do deslocamento espacial, encontros entre grupos de passeio a cavalo e herbívoros selvagens provocam respostas comportamentais variáveis: alguns cervídeos evitam ativamente trilhas com tráfego frequente, outros mostram respostas mínimas se os encontros forem raros ou previsíveis. Observações de safáris a cavalo indicam diferenças por espécie e sugerem que frequência, velocidade do passeio e comportamento dos guias/passageiros modulam a intensidade da perturbação. Há também implicações ecológicas indiretas: trilhas e acampamentos de equitação podem fragmentar a vegetação, facilitar a introdução de espécies exóticas e modificar a disponibilidade de recursos (pastagens, pontos de água) que podem entrar em competição com cervídeos ou alterar a qualidade de habitat. Em termos de doenças e vetores, a proximidade entre equinos, humanos e cervídeos em cenários turísticos pode alterar riscos epidemiológicos (por exemplo, ciclos de arbovírus e ectoparasitas), exigindo monitoramento sanitário e práticas de biossegurança para reduzir a transmissão entre espécies.

[1] Dienifer Ferreira Fontana. Acadêmica de Medicina Veterinária - Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. dienifer.ferreira@estudante.uffs.edu.br.

[1] Luiz Gustavo Oliveira da Fonseca. Acadêmico de Medicina Veterinária - Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. luiz.daonseca@estudante.uffs.edu.br

[1] Mariana Santos. Acadêmica de Medicina Veterinária - Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. marian.santos@estudante.uffs.edu.br

[1] Kathleen Sabrine da Costa Hildebrando. Acadêmica de Ciências Biológicas- Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. kathleendacosta98@gmail.com

[4] Bianca de Fátima Dallo. Mestranda em Veterinária. Universidade Federal de Pelotas. . biancadallo@ufpr.br

[2] Dalila Moter Benvegnú. Docente do Curso de Medicina Veterinária e Programa de Pós-graduação em Saúde, Bem-estar e Produção Animal Sustentável na Fronteira Sul (PPG-SBPAS). Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Realeza.

dalila.benvegnu@uffs.edu.br.

XIV SEPE

Seminário de Ensino,
Pesquisa e Extensão

20 a 24/10

INTEGRIDADE CIENTÍFICA E COMBATE À DESINFORMAÇÃO

Revisões sobre recreação ao ar livre documentam a consistência geral desses efeitos entre diferentes regiões e destacam a necessidade de métodos padronizados para avaliar impactos. Por fim, a presença contínua de equinos (incluindo cavalos selvagens ou semi-soltos) em áreas protegidas pode ter efeitos complexos. Em algumas situações, às vezes neutras, outras vezes significativas sobre a distribuição de ungulados selvagens, tem sido recomendado monitoramento adaptativo e zonas de exclusão/rotação de uso para minimizar conflitos e preservar bem-estar e conservação. Para minimizar esses impactos, a implementação de monitoramento contínuo do comportamento dos cervídeos e o manejo adaptativo do uso do habitat permite ajustar a frequência das atividades recreativas, além disso, a criação de zonas de exclusão pode garantir refúgio em áreas mais críticas para minimizar conflitos e preservar o bem-estar e a conservação.

Palavras-chave: Espécies; Impactos Ecológicos; Comportamento Animal.

Área do Conhecimento: Ciências Biológicas.

Origem: Pesquisa.

Instituição Financiadora/Agradecimentos: A Fundação Araucária e a Universidade Federal da Fronteira Sul.

[1] Dienifer Ferreira Fontana. Acadêmica de Medicina Veterinária - Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. dienifer.ferreira@estudante.uffs.edu.br.

[1] Luiz Gustavo Oliveira da Fonseca. Acadêmico de Medicina Veterinária - Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. luiz.daonseca@estudante.uffs.edu.br

[1] Mariana Santos. Acadêmica de Medicina Veterinária - Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. marian.santos@estudante.uffs.edu.br

[1] Kathleen Sabrine da Costa Hildebrando. Acadêmica de Ciências Biológicas- Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. kathleendacosta98@gmail.com

[4] Bianca de Fátima Dallo. Mestranda em Veterinária. Universidade Federal de Pelotas. . biancadallo@ufpr.br

[2] Dalila Moter Benvegnú. Docente do Curso de Medicina Veterinária e Programa de Pós-graduação em Saúde, Bem-estar e Produção Animal Sustentável na Fronteira Sul (PPG-SBPAS). Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Realeza.

dalila.benvegnu@uffs.edu.br.